

Proletários de todos os países: UNI-VOZ!

Avante!

ORGÃO CENTRAL DO PARTIDO COMUNISTA PORTUGUÊS

ÁLVARO CUNHAL

encontra-se na União Soviética

Álvaro Cunhal, secretário geral do nosso Partido, encontra-se na União Soviética, na pátria do socialismo, no país que marcha triunfalmente para o Comunismo.

Após a histórica fuga de Peniche, em Janeiro de 1960, os esbirros da PIDE bem se esforçaram por recapturar Álvaro Cunhal e outros dirigentes do Partido. Milhares de fotografias suas foram distribuídas por todas as forças repressivas salazaristas.

O Partido, a classe operária, o povo português que ajudou Álvaro

Cunhal a libertar-se, ajudaram-no também a defender-se da feroz perseguição de toda a matilha policial fascista. E apesar de Portugal constituir um verdadeiro campo de concentração, Álvaro Cunhal saiu do país e chegou à URSS em segurança. Tudo isto constitui uma vitória do Partido e das forças democráticas.

Álvaro Cunhal não suspendeu a sua luta. Ele continua e continuará nas primeiras filas dos comunistas e patriotas portugueses que lutam por um Portugal independente, feliz e democrático.

Conversações com
o P. C. U. S.

Conforme noticiou Rádio-Moscovo, Álvaro Cunhal foi recebido no Comité Central do Partido Comunista da União Soviética pelos camaradas Suslov e Kusinen (membros do Presidium e do Secretariado) e Ponomarev (membro do Comité Central) num ambiente de franca amizade e simpatia.

Nas conversações realizadas, houve plena identidade de pontos de vista em todos os problemas discutidos.

Tais conversações e o nível dos camaradas soviéticos que nelas participaram, testemunham a sua importância para a luta do nosso povo, são a demonstração das fraternais relações existentes entre os 2 partidos irmãos e da elevada fidelidade do Grande Partido Comunista da União Soviética aos princípios do internacionalismo proletário.

Façamos da campanha eleitoral UMA GRANDE JORNADA DE MASSAS

A campanha eleitoral significa a organização de Comissões legais eleitorais e de Juntas Patrióticas clandestinas — a organização por todos os meios ao alcance da Oposição de reclamações, petições, abaixo-assinados, protestos, reuniões, sessões públicas, concentrações, manifestações, suspensões de trabalho, greves, campanhas de agitação e propaganda, EXIGINDO:

- a cessação imediata da guerra de Angola e o regresso dos soldados enviados para as colónias.
- aumento de salários, redução do custo de vida, dos impostos e despesas militares.
- ampla liberdade de propaganda, reunião e organização.
- consulta livre e rectificações do recenseamento.
- fiscalização de massas de todo o acto eleitoral pela Oposição
- liberdade de imprensa e abolição da Censura.
- uma ampla amnistia para todos os presos, perseguidos e exilados políticos.
- a extinção da PIDE.
- uma política de Paz e a liquidação das bases militares estrangeiras em território nacional.

As campanhas eleitorais anteriores e em especial as de 1945-49 e 1958 abalaram profundamente a ditadura fascista e foram as mais importantes jornadas de luta anti-salazarista realizadas no país. Por essa razão, e não obstante o forte aparelho repressivo fascista, a ausência de liberdades democráticas e o carácter fascista da Lei Eleitoral, o fascismo teme as suas próprias «eleições» e principalmente as acções de massas que se possam desenvolver no chamado período eleitoral.

O ambiente de terror reinante no país, a prisão de destacadas individualidades da Oposição, as recentes reuniões especiais dos Presidentes das Câmaras com os das Juntas de Freguesia, onde foram cortados dos cadernos eleitorais os que admitem poderem votar pela

Oposição, são exemplos do receio com que o fascismo encara as «eleições».

Tudo isto, juntamente com as recentes afirmações de Salazar ao jornal brasileiro «O Globo», declarando que a Censura não existe, que a unidade nacional está feita e que os salazaristas são «a maioria, a quase totalidade da Nação», constitui um insulto ao povo português e é mais uma vez a comprovação de que Salazar se nega a ouvir a vontade e os anseios da Nação, continuando a fechar todas as portas a uma solução pacífica do problema político português.

Por um amplo movimento
de massas

Portugal atravessa uma tremenda
crise política e económica e pro-

cessa-se a liquidação do anacrónico sistema colonial português. Hoje, mais ainda do que ontem, a camarilha salazarista fará todos os esforços para frustrar a Oposição a possibilidade de desencadear amplas acções de massas e organizar um potente movimento legal. O governo tentará impedir a apresentação e legalização de candidaturas da Oposição, por uma série de obstáculos a toda a propaganda e acções oposicionistas, recorrerá à ilegalidade e à violência.

Mas se à força do arbítrio e repressão salazaristas se opuser a poderosa força das massas populares, as «eleições» poderão representar uma importantíssima jornada de luta patriótica. Tudo depende da unidade, da combatividade e organização das forças democráticas e anti-salazaristas, da disposição de não se deixarem ludibriar com ilusões legalistas e não se sujeitarem ao colete de forças da «legalidade» fascista.

A importância das «eleições» será determinada pela amplitude das acções que se organizarem e desenvolverem. A luta eleitoral é um dos meios de luta que a Oposição impôs ao salazarismo e que deve ser aproveitada como uma das fases da luta que prosseguirá até ao derrubamento da ditadura fascista.

(continua na 2.ª pág.)

NOTA DA COMISSÃO POLÍTICA acerca duma «Declaração» da Junta Patriótica sobre o problema colonial

1 — O Partido Comunista tem trabalhado e continuará a trabalhar pela unidade de todas as forças patrióticas portuguesas contra o fascismo salazarista. Igualmente, o Partido Comunista luta e continuará a lutar pela adopção duma linha comum de acção que permita unir os esforços de todas as correntes de oposição ao regime e lutar e galvanizar a luta do povo português pelas liberdades democráticas.

A unidade de acção entre as diversas correntes anti-salazaristas implica, em certas questões, concessões mútuas em benefício duma posição comum em relação aos diversos problemas da luta anti-salazarista.

Por outro lado, os compromissos de unidade com vistas a um objectivo comum não significam, para o Partido Comunista, nem para as outras forças anti-salazaristas abdicção da sua independência política ou exclusão da crítica mútua, amigável e construtiva entre companheiros de luta.

2 — Vem estas considerações a propósito duma «Declaração» da Junta Patriótica acerca do problema colonial publicada no seu órgão «Tribuna Livre».

O Partido Comunista não tem a objectar quanto a vários pontos dessa «Declaração» mas discorda e não pode subscrever alguns outros que colidem essencialmente com a sua posição de princípio em relação ao problema colonial.

A posição do Partido Comunista tem sido já definida publicamente e é conhecida das outras correntes democráticas. Ela orienta-se por três princípios essenciais: supressão do colonialismo sob todas as suas formas; aliança fraternal do proletário

riado português com os povos das colónias portuguesas; reconhecimento do direito de autodeterminação e à imediata e completa independência dos povos subjugados pelo colonialismo português.

Esta posição de princípio não exclui a unidade de acção entre o Partido Comunista e as restantes forças patrióticas portuguesas para a solução do problema colonial «no sentido da decisão livre do seu destino pelos povos coloniais, sublinhando a importância, como medidas imediatas, duma amnistia a todos os nacionalistas presos, a instituição das liberdades fundamentais nas colónias portuguesas, designadamente a liberdade de acção de partidos e movimentos nacionais» — como se dizia no comunicado da Comissão Política, inserido no «Avenle» n.º 295, de Novembro de 1960.

3 — Presentemente, a cruel guerra colonialista movida ao povo angolano pelo governo de Salazar coloca ainda com maior preminência a necessidade dessa unidade de acção. Neste momento constitui uma grave omissão que a «Declaração» da Junta Patriótica não faça em nenhum dos seus pontos a condenação formal da guerra contra o povo angolano e deixe praticamente em silêncio os crimes espantosos cometidos pelos colonialistas em Angola.

Enxertando, condena-se o terrorismo utilizado pelas organizações negras não tendo em conta os tremendos sofrimentos e humilhações infligidas durante centenas de anos ao povo negro e as difíceis condições em que o povo de Angola se viu

(continua na 2.ª pág.)

NOS AÇORES HÁ BOMBAS ATÓMICAS

Pesa sobre Portugal uma nova e gravíssima ameaça

Segundo informações de altas autoridades administrativas dos Açores, sabemos que numa ilha deste arquipélago e às ordens dos imperialistas norte-americanos, foram recentemente armazenadas bombas atómicas em subterrâneos especiais.

Outras informações indicam que a base aérea da NATO há muito em construção nos arredores de Espinho, sob as ordens de técnicos norte-americanos, servirá para rampas de foguetões armados com ogivas nucleares.

Tais factos constituem uma gravíssima ameaça para a Nação e para todos os seus habitantes. No caso da reacção imperialista desencadear uma agressão contra a URSS ou qualquer outro país socialista, a guerra e a utilização de bombas atómicas serão inevitáveis e as represálias dos países atacados não se farão esperar. Onde quer que se encontrem as rampas de foguetões e as bases militares americanas, elas serão alvos imediatos dos poderosos e certos foguetões soviéticos.

Uma única bomba nuclear será suficiente para exterminar toda a população dos Açores. Para Portugal continental, bastarão duas únicas bombas para pulverizar todo o país.

O peso duma catástrofe pesa sobre Portugal. Salazar oculta à Nação os seus conluíus com as negras forças da guerra capitaneadas pelos imperialistas norte-americanos. A camarilha salazarista atrelou Portugal à NATO e não tem hesitado em pôr o território nacional à disposição das forças da guerra, como o comprovam as bases das Lagens, nos Açores, de Espinho e Montijo. Mas o armazenamento de bombas atómicas e a construção de rampas para foguetões em território

(continua na 2.ª pág.)



A campanha eleitoral

(continuação da 1.ª pág.)

O facto do «Diário de Lisboa» de 16 de Setembro ter noticiado estar previstas listas da Oposição nos círculos eleitorais de Lisboa, Porto, Coimbra, Aveiro, Beja, Braga, Faro, Santarém, Viana do Castelo, Leiria, Funchal, Ponta Delgada, S. Tomé e Moçambique, traduz a disposição das forças oposicionistas se lançarem na luta eleitoral, vencendo e ultrapassando as barreiras e manobras salazaristas.

Acção de massas — eis o caminho

Se as forças anti-salazaristas se unirem e organizarem, formando rapidamente muitas centenas de comissões eleitorais; se souberem ser firmes e audaciosas, confiando na

NOTA DA C. POLÍTICA

(continuação da 1.ª pág.)

forçada a iniciar a sua luta pela independência nacional, vedadas pelo governo fascista todas as possibilidades de solucionar pela via pacífica as suas reivindicações nacionais.

4—O Partido Comunista discorda radicalmente dos pontos II, III e IV do capitulo 2 da «Declaração» que outra coisa não significam que a defesa dum neo colonialismo que deixaria ainda na escravidão colonial os povos subjugados pelo colonialismo português.

As «condições» para o «exercício» da auto-determinação, a «franc» convivência entre brancos e negros... visando a rápida elevação do nível económico dos elementos mais atrasados», a «garantia das forças armadas», são fórmulas semelhantes às utilizadas pelos neo-colonialistas que procuram desesperadamente resistir ao poderoso movimento libertador dos povos coloniais.

5—A Declaração da Junta Patriótica não tem em conta a opinião da imensa maioria do povo português que deseja o fim imediato da guerra colonial, ela não consegue senão expressar a opinião de um reduzido sector das forças democráticas, precisamente aquele que mais reflecte os preconceitos e interesses colonialistas. O Partido Comunista está certo de interpretar o sentir das mais amplas massas do povo português — a classe operária e os restantes trabalhadores assim como da grande massa dos portugueses progressistas — que tomam cada vez mais consciência de que «não pode ser livre um povo que oprime outro povo». O sentimento de repulsa do nosso povo pelos crimes colonialistas em Angola e contra a guerra colonial ficou bem patente na resistência da classe operária aos roubos nos seus salários, nas grandes acções do 10 de Junho, no boicote dos espectáculos desportivos do dia 27 de Agosto, e nas inúmeras acções de resistência dos soldados e suas famílias contra a partida de tropas expedicionárias para as colónias.

Em muitos terrenos a ideia da unidade de acção é já hoje aceite pelos diversos sectores da oposição anti-salazarista.

Também em relação ao problema colonial, apesar das diferenças ideológicas, o Partido Comunista continua a pensar que são vários os pontos em que podemos e devemos conduzir acções comuns, tais como:

- a luta pela imediata terminação da guerra em Angola,
- a luta pelo reconhecimento do direito à auto-determinação dos povos coloniais,
- a luta contra os crimes de repressão fascista em Angola e noutras colónias portuguesas.
- a luta pela abertura de negociações com os representantes dos povos das colónias portuguesas

Pensa o Partido Comunista que a Junta Patriótica deve escutar e reflectir cada vez mais o sentir das amplas massas do povo português.

Setembro de 1961

A Comissão Política do Comité Central do Partido Comunista Português

força e na disposição de luta das massas; se souberem interpretar o profundo descontentamento que abrange os mais variados sectores nacionais, a campanha eleitoral será uma grande jornada de massas e uma enorme contribuição para o derrubamento da ditadura fascista.

A classe operária, os trabalhadores, o campesinato, a juventude, os que mais sofrem com o odiado regime salazarista, devem ser a força decisiva e impulsionadora do movimento eleitoral de massas. A fusão das reivindicações económicas dos trabalhadores (agravadas diariamente pelo constante aumento do custo de vida, pelo desemprego e abaixamento do salário real dos trabalhadores) com as reivindicações políticas de toda a população, poderão conduzir a importantes lutas da classe operária, nas quais podem estar incluídas grandes paralisações de trabalho, greves e manifestações de rua.

A luta eleitoral é parte integrante da luta do povo português pelo levantamento em massa da Nação Portuguesa que há-de conduzir ao derrubamento da ditadura fascista.

O fascismo prepara AS "ELEIÇÕES"

Por informações absolutamente exactas, sabemos que o Presidente da Câmara de Lagos reuniu com todos os presidentes das freguesias do concelho e, com os cadernos de recenseamento à frente, cortaram todas ou quase todas as pessoas suspeitas de votarem pela Oposição.

Este é apenas um exemplo dos objectivos das andanças do ex-ministro e polícia Veiga de Macedo por todo o País.

Por isso não é de estranhar que no concelho do Barreiro, com dezenas de milhares de habitantes, existam somente 1.020 eleitores inscritos (!!!).

NOS AÇORES HÁ BOMBAS ATÓMICAS

(continuação da 1.ª pág.)

nacional é a mais grave ameaça que paira desde já sobre o país e todos os seus habitantes.

Mesmo países da NATO têm-se recusado a ceder a essas exigências dos imperialistas norte-americanos por saberem as terríveis consequências que, em caso de guerra, esse facto acarretará inevitavelmente.

Salazar vê na guerra e no agravamento da tensão internacional uma derradeira possibilidade de fazer sobreviver o seu odiado regime fascista e colonial. Por isso, neste momento em que os perigos de uma 3.ª guerra mundial se acentuam, Salazar faz novas concessões aos fautores de guerra.

Cabe aos patriotas portugueses impedir a política de suicídio para a Nação que o governo está a levar a cabo. Que todos os portugueses tenham consciência desses perigos e lutem em conformidade com eles, é uma necessidade imperiosa. Está em causa a sua própria sobrevivência. A luta pela imediata retirada das armas atómicas e a liquidação das bases militares estrangeiras em território nacional, é uma exigência

Basta de atrocidades!

Novos testemunhos sobre os actos de selvajaria que estão a ser cometidos em Angola chegam constantemente ao nosso conhecimento. Entre eles, citamos hoje dois episódios revoltantes que foram presenciados por uma pessoa recentemente regressada desta colónia.

Numa localidade, para tentar obter informações sobre o movimento angolano de libertação, uma força do Exército caçou alguns angolanos. Foram levados para um terreiro e enterrados em covas até meio corpo, à vista das famílias, começando depois um oficial a interrogá-los, enquanto soldados iam lançando pázadas de terra sobre eles. Vários angolanos morreram assim enterrados vivos perante o horror das famílias e a revolta das pessoas presentes que ainda não se deixaram corromper pela ferocidade dos salazaristas.

Outro caso: numa base aérea, foram presos alguns trabalhadores africanos suspeitos de estarem em ligação com as forças angolanas de libertação. Imediatamente af compareceu a PIDE para os costumados interrogatórios, mas alguns elementos da Força Aérea recusaram-se a entregar-lhe os prisioneiros e organizaram esta espantosa selvajaria: os angolanos foram amarrados, metidos dentro dos depósitos dos aviões onde se transportam as bombas e em pleno ar, largados de grande altura, despedaçando-se no solo.

O nosso povo encara com revolta e alarme crescente as manifestações de ferocidade que chegam todos os dias de Angola. As fotografias vindas de lá que já circulam de mão em mão e onde se vêem soldados portugueses apontando as espingardas contra cabeças de angolanos espetadas em pau, são um tremendo aviso sobre o desencadear de ferocidade que está a prevenir uma parte da nossa juventude.

Exijamos por todos os meios

QUE CESSEM AS ATROCIDADES!

QUE TERMINE A INFAME GUERRA COLONIAL!

O FUNERAL DO DR. ANTONIO LUIS GOMES foi uma manifestação anti-fascista

Com a recente morte da prestigiosa figura do Dr. António Luís Gomes desapareceu o último sobrevivente do Governo Provisório formado após o derrubamento da monarquia. Foi um exemplo de honradez e de fidelidade aos seus elevados e humanos ideais.

Ao longo de toda a sua vida, o Dr. António Luís Gomes não se manteve somente fiel aos ideais democráticos que abraçou, pois lutou sempre por eles. Apesar dos seus 98 anos, continuava a possuir uma lucidez excepcional e a colaborar na luta anti-salazarista, preconizando em todas as oportunidades a união de todos os democratas como a melhor garantia da reconquista da democracia.

O seu funeral foi uma comovente manifestação de pesar e uma vi-

brante manifestação de luta contra o salazarismo. A polícia forçou o carro funerário a deslocar-se a grande velocidade para o cemitério. Mas foi impotente para fazer terminar a manifestação fúnebre antes da chegada de milhares de pessoas que desfilaram a pé pelas principais ruas do Porto a caminho do cemitério.

Salazar, directo e principal responsável pelos sofrimentos morais infligidos ao Dr. A. L. Gomes (nomeadamente a demissão, as inúmeras prisões, espancamentos e ferimentos a que sujeitou o seu filho, o Prof. Rui Luís Gomes, continuador dos ideais do ilustre falecido) e pelas perseguições que lhe moveu até no seu próprio funeral, enviou um telegrama de «condolências». Somente pessoas desprezíveis, sem pudor e sem dignidade, são capazes de afrontar desta forma a memória dum homem que durante mais de 30 anos denunciou os crimes e infâmias de Salazar e sua camarilha e lutou contra o seu odiado regime.

8 de Setembro de 1936

AOS MARINHEIROS DA ARMADA

Na madrugada de 8 de Setembro de 1936, faz 25 anos, os marinheiros do «Dão» e do «Alfonso de Albuquerque» amotinaram-se, dominaram a oficialidade e tentaram sair com os seus navios para o alto mar. A revolta dos marinheiros, que culminava um intenso trabalho de agitação e de organização dirigido pelo nosso Partido, nascia da indignação na Armada contra as arbitrariedades fascistas e a ajuda do Governo de Salazar ao assalto de Franco e dos fascistas alemães e italianos sobre a República Espanhola.

Mas o movimento revolucionário dos marinheiros, limitado e isolado, não tinha condições para triunfar e foi impiedosamente esmagado pelos salazaristas: 10 marinheiros foram mortos sob o fogo dos canhões da barra e 60 outros foram atirados para as prisões e para o campo da morte do Tarrafal onde cumpriram 600 anos de prisão e onde muitos deixaram a vida. Nesse dia, o fascista Henrique Teixeira ganhou, pela sua ferocidade, novos galões e um lugar de confiança no regime.

A revolta dos marinheiros ficou para sempre na história da luta popular contra o fascismo. Hoje, quando Salazar lança os marinheiros da Armada na infame guerra

das colónias, a revolta de Setembro de 1936 aponta a todos os marinheiros patriotas o único caminho honroso que se abre à sua frente: organizar-se dentro dos seus barcos e nas bases navais, intensificar a luta pelas suas reivindicações imediatas e pela sua dignificação, criar núcleos legais de marinheiros contra a guerra colonial, recusar-se a partir para as colónias, recusar-se a fazer a guerra.

Os marinheiros não esquecem o exemplo do seu camarada MANUEL GUEDES, dirigente da Organização Revolucionária da Armada em 1933, hoje dirigente do Partido Comunista, e que, já com um total de 13 anos de prisão há muito que terminou a pena a que foi condenado, continua, mesmo de dentro da prisão, a dar um exemplo de firmeza e dedicação à luta do nosso povo.

O movimento anti-fascista na Armada, de tão gloriosas tradições, deve tomar de novo um lugar de vanguarda no movimento de libertação Nacional. Só intensificando as suas lutas e reforçando a sua organização, os marinheiros podem tornar mais próximo o levantamento vitorioso do povo português contra a ditadura fascista.

O 3.º PROGRAMA DO PARTIDO COMUNISTA DA UNIÃO SOVIÉTICA

GUIARÁ A PASSAGEM À SOCIEDADE COMUNISTA

GES
PCP



O primeiro Programa do Partido Bolchevique, adoptado em 1903 no seu II.º Congresso, punha como objectivo lutar pelo derrubamento do tzarismo e pela conquista do poder para o proletariado. Em Outubro de 1917, o primeiro Programa do Partido fôra realizado.

O segundo Programa, adoptado no VIII.º Congresso de 1919, fixou a tarefa de construir a sociedade socialista conforme o principio: «De cada um segundo as suas capacidades, a cada um segundo o seu trabalho». O socialismo triunfou na União Soviética, completa e definitivamente.

O segundo Programa do Partido está igualmente realizado.

Hoje, o P.C.U.S. elaborou o seu terceiro Programa: o da construção da sociedade comunista.

O que é o comunismo? Um regime social sem classes, com a propriedade única (pertencendo a todo o povo) dos meios de produção, com uma inteira igualdade social de todos os membros da sociedade que se guiará pelo principio: «De cada um segundo as suas capacidades, a cada um segundo as suas necessidades».

Edificar esta sociedade é a tarefa prática que o P.C.U.S. propõe no seu novo Programa.

O terceiro Programa do Partido Comunista da URSS será realizado!

O Projecto do III.º Programa do P.C.U.S. é um extenso documento, dividido em duas partes. A primeira parte, subordinada ao título: «A transição do capitalismo ao comunismo é o caminho do desenvolvimento da Humanidade», põe em relevo o alcance histórico da Revolução de Outubro e da vitória do socialismo na URSS e nos demais países do campo socialista e analisa profundamente a crise do capitalismo mundial. Ao mesmo tempo, esta parte do Programa representa uma contribuição valiosa, uma arma ideológica para todos os povos do mundo que se encontram ainda sob a dominação do capitalismo e para os que lutam pela sua libertação do jugo do imperialismo colonialista.

«O movimento revolucionário internacional da classe operária tem conseguido vitórias de alcance universal. O sistema socialista mundial é a sua conquista principal», sublinha o Programa.

A luta pela democracia é parte integrante da luta pelo socialismo. Quanto mais profundo for o movimento democrático, mais elevada será a consciência política das massas e melhor elas se compenetraram de que só o socialismo lhes abre a via do bem estar e duma verdadeira liberdade. No decurso dessa luta dissipam-se as ilusões socialistas de direita, reformistas, e constitui-se o exercito político da revolução socialista.

Depois de deter-se sobre as várias possibilidades de passagem ao socialismo, que em alguns países não exclui que possa ser uma passagem por via pacífica, o P.C.U.S. acentua: «Mas qualquer que seja a forma que revista, a passagem do capitalismo ao socialismo não é possível senão pela revolução».

Ensinamentos do caminho percorrido pelo povo soviético

O Partido Bolchevique reuniu numa única torrente revolucionária a luta da classe operária pelo socialismo, o movimento do povo a favor da paz, a luta dos camponeses pela terra, a luta de libertação nacional dos povos oprimidos da Rússia e canalizou todas estas forças para a abolição do capitalismo.

A experiência da URSS provou que os povos não podem chegar ao socialismo senão pela revolução socialista e a ditadura do proletariado que representa uma democracia autêntica, uma democracia para os trabalhadores.

Que só o socialismo pode pôr fim à exploração do homem pelo homem, à anarquia da produção, às crises económicas, ao desemprego e à miséria das massas, garantir o desenvolvimento harmonioso e contínuo da economia em ritmos rápidos e a elevação incessante do nível de vida do povo.

A experiência da URSS mostrou que a classe operária não pode desempenhar a sua missão histórica de criadora da nova sociedade se não firmar uma união aliada com outras camadas laboriosas da população e antes de tudo com o campesinato.

A experiência da URSS mostrou que só a vitória da revolução socialista cria as possibilidades e condições para a supressão de todo o jugo nacional, para uma união livremente consentida de nações e de povos livres e com igualdade de direitos, num Estado único.

A experiência da URSS mostrou que o socialismo e a paz são inseparáveis. O Estado so-

viético vela pela paz, põe em prática o principio leninista da coexistência pacífica, e é o mais poderoso obstáculo a impedir o caminho à agressão imperialista.

A experiência da URSS confirmou plenamente a doutrina marxista leninista sobre o papel decisivo do Partido Comunista na fundação e desenvolvimento da sociedade socialista. Somente um partido que defenda tenazmente uma política de classe, uma política proletária, armado da teoria revolucionária de vanguarda e formando um só bloco estreitamente unido às massas, é capaz de organizar e conduzir todo o povo à vitória do socialismo.

E demonstrou ainda que a fidelidade ao principio marxista-leninista do internacionalismo proletário é uma condição necessária à vitória

sucessivas durante os próximos 20 anos.

No decurso dos primeiros dez anos (1961-1970), criando a base material e técnica do comunismo, a União Soviética ultrapassará na produção por habitante o mais poderoso e mais rico país capitalista: os E.U. da América; o bem estar material e o nível cultural e técnico dos trabalhadores elevar-se-ão notavelmente; o trabalho manual penoso desaparecerá; a URSS tornar-se-á o país da jornada de trabalho mais curta e mais bem paga do mundo.

No decurso do segundo decénio (1971-1980) será criada a base material e técnica do comunismo, assegurada a toda a população a abundância de bens materiais e culturais; a sociedade soviética iniciará a aplicação do principio da repartição segundo as necessidades; efectuar-se-á a passagem gradual à propriedade única de todo o povo. Assim, ter-se-á construído, nas suas linhas gerais, a sociedade comunista na URSS. A construção da sociedade comunista será terminada integralmente no período seguinte.

A construção económica e o desenvolvimento da indústria

A principal tarefa económica imediata do Partido e do povo soviético consiste em realizar: a electrificação total do país e, partindo daí, o aperfeiçoamento da técnica, da organização da produção social na indústria e na agricultura; a mecanização total dos processos de fabricação e uma progressiva automatização; uma larga aplicação da química na economia nacional; o desenvolvimento máximo de novas indústrias, de novos tipos de energia, incluindo uma larga aplicação da energia atómica, e de novos materiais; a utilização máxima e racional das fontes naturais; a associação orgânica da ciência e da produção, ritmos rápidos de progresso científico e técnico. Um alto nível cultural e técnico dos trabalhadores; uma superior produtividade do trabalho. Daí resultará que a URSS disporá de forças produtivas sem precedentes pela sua potência, ultrapassará o nível técnico dos países mais evoluídos e ocupará o primeiro lugar no mundo quanto à produção por habitante. Isto permitirá satisfazer com abundância as necessidades da sociedade e de todos os seus membros.

O desenvolvimento das novas técnicas permitirá melhorar radicalmente e aliviar as condições de trabalho do homem soviético, reduzir a duração da jornada de trabalho e melhorar as condições de vida, permitirá liquidar os trabalhos manuais penosos e, com a continuação, todo o trabalho não qualificado.

A transformação da indústria soviética na indústria mais poderosa e mais aperfeiçoada do

O XXII.º CONGRESSO DO P.C.U.S.

No próximo dia 17 de Outubro iniciar-se-á em Moscovo o XXII.º Congresso do P.C.U.S. que certamente ficará na História como um dos mais importantes Congressos realizados pelo grande Partido irmão. O próprio facto de em toda a história do P.C.U.S. este ser um dos três Congressos em que um Programa do Partido é discutido e aprovado, sublinha a importância histórica e mundial deste Congresso a que o povo soviético já chama o «Congresso dos Construtores do Comunismo». Nele serão igualmente aprovados os novos Estatutos do P.C.U.S.

Tanto o Projecto de Programa como o Projecto de Estatutos estão desde Agosto a ser debatidos publicamente por todo o povo soviético ao mesmo tempo que a sua discussão atrai as atenções dos comunistas e pessoas progressistas do mundo inteiro.

do socialismo.

Confirmou-se a justeza histórica do leninismo. Está aberta a grande estrada do socialismo. Numerosos povos já penetraram nela. Todos os povos a seguirão, cedo ou tarde.

As tarefas do P.C.U.S. na edificação da sociedade comunista

É sob este título que se desenvolve toda a segunda parte do Programa, que abre com as confiantes palavras: «O Comunismo é o futuro radioso de toda a Humanidade».

As bases materiais e morais do comunismo serão construídas na União Soviética em etapas



mundo sob o ponto de vista técnico, exigem um desenvolvimento contínuo da indústria pesada. Assim, o Partido Comunista da União Soviética propõe-se aumentar o volume da produção industrial:

— Nos próximos 10 anos cerca de duas vezes e meia e ultrapassar o nível actual da produção industrial dos Estados Unidos;

— No decurso dos próximos 20 anos, pelo menos seis vezes e ultrapassar de longe o volume geral actual da produção industrial dos Estados Unidos.

A produção de energia eléctrica terá a preponderância no ritmo de desenvolvimento. No fim do 1.º decénio, a produção anual de electricidade será elevada a 900-1.000 biliões de Kwh, e no termo do 2.º decénio subirá a 2.700-3.000 biliões de Kwh.

A automatização combinada da produção será realizada em escala massiva.

As actuais empresas, transformadas em empresas da sociedade comunista, desenvolverão o processo de elevação cultural e técnica dos operários, numa associação cada vez mais estreita do trabalho manual e do trabalho intelectual.

A participação das colectividades dos trabalhadores, principalmente dos Sindicatos, na gerência das empresas, proporcionará a extensão dos métodos comunistas do trabalho.

A agricultura e as relações sociais no campo

Uma agricultura próspera, evoluída e altamente produtiva, ao lado duma poderosa indústria, é condição indispensável para a construção do comunismo. O objectivo do P.C.U.S. quanto à agricultura é:

a) obter a abundância de produtos alimentares de qualidade para a população e matérias primas para a indústria; b) assegurar nos campos soviéticos a passagem gradual às relações sociais comunistas e suprimir, no essencial, as diferenças entre a cidade e o campo.

O principal meio para assegurar o desenvolvimento da agricultura consiste em mecanizar todos os ramos da economia agrícola e introduzir progressivamente a agricultura intensiva. O equipamento técnico e a organização da produção na agricultura serão equiparados aos da indústria.

Maior abundância de produtos agrícolas: A tarefa fixada é multiplicar o volume global da produção agrícola por cerca de duas vezes e meia em 10 anos, e três vezes e meia em 20 anos. No decurso do primeiro decénio, a União Soviética ultrapassará os E.U. da América quanto à produção por habitante dos principais produtos agrícolas.

A criação de gado desenvolver-se-á em ritmos rápidos: O volume dos seus produtos aumentará: para a carne perto do triplo em 10 anos e quase 4 vezes em 20 anos.

A produtividade do trabalho na agricultura atingirá cadências mais elevadas que na produção industrial — será multiplicada por mais de 2,5 em 10 anos e por 5 ou 6 em 20 anos, e permitirá preencher o atraso da agricultura em relação à indústria.

A electrificação de todos os kolkozos e sovkozos permitirá prover as necessidades da produção e da população. A mecanização integral da agricultura e o emprego da automatização elevarão o rendimento do trabalho agrícola. Este plano identificará cada vez mais os kolkozos e sovkozos ao tipo de empresa comunista, pelas suas relações de produção, pelo carácter do seu trabalho e o nível de bem estar e de cultura dos trabalhadores.

A retribuição do trabalho dos kolkozianos será a mesma que nas empresas pertencentes a todo o povo e idênticas as medidas de segurança social: reformas por velhice e invalidez, licenças e férias pagas, etc.

As aldeias kolkozianas serão gradualmente transformadas em importantes aglomerados de tipo urbano, com casas de habitação confortáveis, serviços públicos, obras culturais e sociais nas mesmas condições que os habitantes das cidades.

A supressão das diferenças económicas, sociais, culturais entre a cidade e o campo será um dos resultados mais grandiosos da construção do

comunismo.

O mais alto nível de vida do mundo

O P.C.U.S. fixa uma tarefa de importância histórica e mundial: assegurar ao povo soviético o mais elevado nível de vida do mundo.

A diferença entre os rendimentos dos camponeses e dos operários, dos trabalhadores bem remunerados e insuficientemente remunerados, da população das diferentes regiões do país, diminuirá gradualmente.

As tarefas que o P.C. se propõe realizar são: **Assegurar um nível elevado das receitas e do consumo para o conjunto da população.** O volume do rendimento nacional da URSS aumentará quase duas vezes e meia no decurso dos próximos 10 anos, e cerca de 5 vezes nos próximos 20.

As receitas reais por habitante aumentarão em 20 anos mais de três vezes e meia. Este aumento permitirá um rápido crescimento do nível geral do consumo corrente.

Resolver o problema do alojamento e melhoramento das condições de existência. No fim do segundo decénio não só todas as famílias disporão duma casa com todo o conforto moderno, como também todos os cidadãos beneficiarão progressivamente de alojamento gratuito. No segundo decénio os transportes públicos (autocarros, eléctricos, comboios eléctricos e metro) serão gratuitos e no final desse período serão gratuitos também os serviços comunitários, tais como água, o gaz e o aquecimento.

Redução da jornada de trabalho e melhoramento constante das condições de trabalho: Nos 10 primeiros anos será realizada a passagem à jornada de trabalho de 6 horas com um dia de descanso por semana, ou à semana de 34-36 horas com 2 dias de descanso. Para os mineiros do fundo e trabalhos insalubres em certas indústrias, a jornada de trabalho será de 5

horas ou a semana de 5 dias e 30 horas.

Durante o decénio seguinte a jornada de trabalho será ainda mais reduzida.

— A alimentação pública em cantinas de empresas, nas instituições e grandes imóveis será alargada, de modo a satisfazer toda a população, sofrerá grande baixa de preços no primeiro decénio e durante o segundo decénio os almoços nas empresas, instituições e para os Kolkozianos que trabalhem na produção, passarão a ser gratuitos.

Para levar a cabo tarefas de tal envergadura, o Partido considera de importância primordial formar em todos os trabalhadores uma concepção científica do mundo. Essa concepção tem por base ideológica o marxismo-leninismo.

A ciência soviética ocupará uma situação preponderante em todos os domínios essenciais da ciência mundial.

O Partido terá a preocupação constante de ajudar o florescimento das letras, das artes, da cultura, de criar todas as condições para que cada um possa fazer valer plenamente as suas capacidades individuais.

Assim a União Soviética mostrará ao mundo inteiro o exemplo duma satisfação verdadeiramente completa e geral das necessidades materiais e culturais crescentes do homem.

A execução deste grandioso Programa terá um alcance histórico. Ele é a melhor garantia do desejo de paz que anima o Partido Comunista e todo o povo soviético.

« Sob a direcção experimental do P.C. U.S., sob a bandeira do marxismo-leninismo, o povo soviético construiu o socialismo »

« Sob a direcção do Partido, sob a bandeira do marxismo-leninismo, o povo soviético construiu a sociedade comunista. »

« O Partido proclama solenemente: A geração actual dos soviéticos viverá sob o comunismo! »

OS NOVOS ESTATUTOS DO P.C.U.S.

Para estabelecer as normas da vida interna do Partido na etapa da construção da sociedade comunista, bem como para orientar a actividade criadora de todo o povo soviético, o P.C.U.S. irá aprovar no seu XXII Congresso os novos Estatutos do Partido.

Os Estatutos englobam os seguintes capítulos: 1) Obrigações e direitos dos membros do Partido. 2) Cendidos ao Partido. 3) Estruturas de organização e democracia interna do Partido. 4) Organismos superiores do Partido. 5) Organização do Partido nas Repúblicas, nos territórios, regiões, zonas e distritos. 6) Organizações de base. 7) O Partido e o Komsomol (organização da juventude comunista). 8) Organização do Partido no exército. 9) O Partido nas organizações de massas. 10) Os recursos financeiros do Partido, coizações, etc.

Dadas as modificações operadas na sociedade soviética, os Estatutos definem o Partido Comunista da União Soviética, não já somente como a vanguarda da classe operária, mas como « a vanguarda combativa e esclarecida do povo soviético, que agrupa na base do livre consentimento e fracção mais progressista, a mais consciente, da classe operária, do campesinato kolkoziano e dos intelectuais da URSS ».

O Partido Comunista, partido da classe operária, é doravante o partido de todo o povo soviético. Tornou-se uma forma superior da organização social e política da União Soviética.

Algumas disposições contidas no Programa, respeitantes à mais larga participação dos trabalhadores na gerência das empresas e na direcção dos kolkozos, ao fortalecimento dos métodos de direcção colectiva e à renovação sistemática dos organismos dirigentes, encontram-se igualmente nos Estatutos, tendendo a uma democratização cada vez maior da organização da produção, do Partido e do Estado.

No plano interno do Partido essa ampliação da democracia está expressa no desenvolvimento de princípios do centralismo democrático já contidos nos anteriores Estatutos, e em novas disposições, a mais importante das quais é a renovação sistemática dos organismos de direcção do Partido.

Os novos Estatutos determinam que « aqueles que reprimam a crítica e persigam os autores de críticas, deverão responder pela sua atitude perante o Partido e poderão ser excluídos do Partido por esse motivo ».

No que respeita à renovação sistemática dos organismos do Partido, determinam que estas sejam eleitas em votação secreta, e renovada a sua composição, desde as organizações de base até ao Comité Central. Em todas as eleições ordinárias, pelo menos um quarto do Comité Central e do seu Presidium será renovado. Serão aplicadas disposições semelhantes para os efectivos dos comités e os executivos dos diversos escalões do Partido, e os secretários das organizações de base. Estas medidas destinam-se a evitar a rotina, a cristalização dos organismos dirigentes e o burocratismo dos membros dessas organizações. Incitarão a base do Partido a pronunciar-se sobre o bom ou mau trabalho dos organismos que elege, e facilitarão mais do que até aqui, a promoção dos quadros mais activos e ligados às massas da base ao topo do Partido. Isto trará benefícios resultados a todo o Partido, insuflando-lhe sangue novo.

Com o fim de respeitar a continuidade da direcção, os membros das organizações que possuem comprovadas qualidades políticas e práticas podem ser reeleitos para os organismos dirigentes várias vezes de seguida, mas nesse caso exigir-se-á que o candidato obtenha três quartos ou mais dos votos em escrutínio secreto. Os Estatutos sublinham também que os membros dos organismos de direcção podem voltar a ser eleitos depois de passado o período do mandato em que estas novas disposições os impediram de ser candidatos.

Estas medidas só são possíveis num partido com uma maturidade política como o P. C. U. S., com uma enorme massa de quadros dirigentes qualificados, num país que terminou com êxito a construção do socialismo.

Os novos Estatutos do Partido, observando rigorosamente os princípios leninistas da direcção colectiva, dão um importante passo em frente no caminho da sociedade soviética para uma forma superior de democracia, para a vitória do comunismo.

PARA A REFORMA AGRÁRIA há que derrubar o salazarismo!

As últimas reuniões massivas realizadas pelos agricultores do Alentejo e pelos vinhateiros do Oeste evidenciam que o descontentamento contra a situação a que foi conduzida a agricultura portuguesa se torna cada vez mais vivo e combativo. Importa muito que os comunistas e o conjunto das forças anti-salazaristas influenciem a acção dos agricultores para que estes não sejam continuamente enganados com as promessas de quem não as quer nem pode cumprir.

Por todo o país a situação dos que trabalham a terra tem-se agravado extraordinariamente. O operariado agrícola, que hoje ultrapassa as oito centenas de milhares, é intensamente explorado. O seu nível de vida é incrivelmente baixo e, apesar disso, mesmo economistas ligados ao Estado Novo se vêm obrigados a reconhecer que o seu quinhão no produto nacional vem diminuindo. Actualmente no Alentejo, Ribatejo e outras regiões de monocultura, o desemprego está provocando uma situação muito difícil a muitos milhares de trabalhadores, muitos milhares de lares onde reina a verdadeira fome e a verdadeira miséria.

Os rendeiros e parceiros, mesmo os que trabalham áreas não reduzidas, só conseguem pagar as rendas retirando parte do essencial à sua existência e à continuação da exploração da terra; muitos se vêem, por isso, obrigados a abandonar tal actividade.

Para todos os pequenos e médios produtores agrícolas, os preços da maioria dos produtos da sua lavra não compensam o trabalho, as despesas e os riscos que têm na terra. Entretanto os preços dos produtos industriais aumentam continuamente e, em particular, o preço dos adubos é incompatível para a grande massa dos agricultores.

Esta situação, cada vez mais agravada, que explica o crescer dos protestos, das reclamações e do descontentamento nos meios rurais. E, embora em muitos dos casos sejam ainda grandes lavradores que encabeçam a luta dos agricultores para a tornar conciliatória, tal acção não consegue tapar já a combatividade e o radicalismo de grandes camadas do pequeno e médio campesinato.

E é na acção que se lhes vai tornando cada vez mais claro que é o regime de Salazar, regime do capital monopolista e dos latifundiários, o causador da ruína da lavoura e da de todos os que trabalham a terra. É na acção que todos verificarão que é o regime de Salazar que impede que a situação da agricultura melhore, progrida, alimente capazmente aqueles que lhe dedicam a sua actividade. É verdade que o governo, forçado pela acção dos agricultores, decidiu dar uma subvenção de 200 mil contos aos produtores de trigo, mas todos os pequenos e médios agricultores sabem que tal subvenção será aproveitada essencialmente pelos grandes e muito grandes produtores. Aliás, como nos afirmava um pequeno produtor, se porventura lhe coubesse alguma coisa (no que não acreditava), o que receberse era para pagar as suas dívidas bancárias. Entretanto é o governo de Salazar que proíbe uma nova reunião de agricultores organizada recen-

temente para Elvas. Ante a movimentação dos agricultores, Salazar recorre aos processos repressivos tão larga e ferozmente aplicados sobre as massas proletárias do campo.

É possível e indispensável que o operariado agrícola e os pequenos e médios agricultores lutem incessantemente e cada vez com mais unidade e firmeza pela conquista das suas aspirações. Mas é preciso que todos compreendam que a solução dos seus problemas só será encontrada após o derubamento do salazarismo.

Para fazer sair a agricultura portuguesa dum enorme atraso e dum profunda ruína (prevê-se para 1961 uma produção de trigo, de aveia e de cevada pouco superior a metade da produção média dos últimos dez anos), para elevar o seu rendimento ao nível dos outros países da Europa Ocidental, para arrancar da miséria mais de um milhão de portugueses que trabalham a terra (que são vários milhões contando com as famílias), é indispensável realizar UMA REFORMA AGRÁRIA QUE DE TERRA A QUEM A TRABALHA, QUE FORNEÇA UMA AJUDA TÉCNICA E FINANCEIRA CAPAZ A TODOS OS AGRICULTORES E QUE ABRA O CAMINHO PARA A UTILIZAÇÃO DOS GRANDES PROGRESSOS TÉCNICOS NA EXPLORAÇÃO DA TERRA.

É necessário acabar com os latifúndios e abolir as formas de exploração do tipo da parceria, restos ainda de relações económicas da sociedade feudal, incompatíveis com o progresso da agricultura.

É necessário rever o sistema do arrendamento de modo que a renda da terra impeça o menos possível o desenvolvimento da exploração agrícola.

É necessário dar a todos os que têm pequenas correlas e aos que não têm nenhuma e sabem e querem trabalhar a terra, o suficiente para que dela se sustentem.

Uma nova estrutura agrícola, acompanhada da necessária ajuda técnica e financeira, dum reajustamento dos preços dos produtos agrícolas, dum luta constante contra o intermediarismo que cobra e triplica para o consumidor o preço do custo, elevará imediatamente o rendimento agrícola e permitirá dar à população rural um nível de vida muito superior e crescente.

Depois será o trabalho colectivo da terra pela criação de cooperativas agrícolas que elevará a lavoura portuguesa aos altos níveis que actualmente atinge a lavoura dos países socialistas.

Divulguemos entre o operariado agrícola e os agricultores a importância e a necessidade da Reforma Agrária.

Intensifiquemos a luta do operariado agrícola, força de vanguarda no campo. Apoiemos e ajudemos a acção dos pequenos e médios agricultores, os principais aliados da classe operária, na luta pelas suas justas aspirações.

Formemos uma ampla aliança entre a classe operária e os camponeses, aliança que constituirá a mais sólida garantia da união de todas as camadas do campesinato, na luta pelo progresso da lavoura e do país, na luta pelo derubamento do salazarismo e pela realização dum verdadeira Reforma Agrária.

OS BANCÁRIOS ALARGAM A SUA LUTA

Os empregados bancários prosseguem na luta pela obtenção das suas reivindicações. Para elevar os ordenados, o Grémio pôs a condição de aumentar o número de horas de trabalho, dizendo às direcções dos Sindicatos: «Se querem, muito bem; se não querem, nada há a fazer».

Tais palavras expressam bem a apreçoada «conciliação e harmonia de classes» da organização corporativa fascista. Mas os trabalhadores bancários não se intimidaram, como o indica a Assembleia que realizaram em Lisboa, com cerca de 1.000 empregados, onde rejeitaram unanimemente as propostas e manobras patronais e decidiram prosseguir a luta.

Aumentar as horas de trabalho provocaria inevitavelmente o despedimento de muitos bancários e significaria uma maior exploração. O facto de 24 bancos terem tido 396 mil contos de lucros só no ano de 1960, isto é, mais de 5 vezes os lucros obtidos pelos mesmos bancos no ano de 1942, além de indicar

bem os interesses que o governo de Salazar representa e defende, é também a prova de que os banqueiros podem e devem aumentar os ordenados.

Sómente a unidade e o reforçamento da luta dos bancários, alargando-a a todo o país, poderá obrigar os banqueiros a satisfazer as suas justas reivindicações. O apoio às direcções sindicais, desde que se mantenham em defesa dos interesses da classe, não exclui, antes aconselha a criação de comissões em todos os bancos e localidades, a coordenação da luta no plano regional e nacional. Da mesma forma que a resistência do Grémio deve orientar os bancários a não hesitarem a recorrer desde já a formas superiores de luta, como sejam a desorganização dos serviços (recorrendo à «cega») e inclusivé a paralisação do trabalho.

A unidade, a organização da luta e uma constante e crescente acção são a melhor garantia de que os bancários triunfarão na justa luta que iniciaram.

AS FAMÍLIAS DOS PRESOS POLÍTICOS LUTAM

contra o feroz regime prisional

As famílias dos comunistas e outros democratas que se encontram presos na Fortaleza de Peniche fizeram e entregaram ao Director da cadeia uma exposição protestando contra a má alimentação dada aos presos, contra as crescentes restrições à entrada de géneros e as exigências de acondicionamento dos lanches, contra a proibição de os presos dividirem entre si os lanches que recebem, contra as novas

placas metálicas nas janelas, que dificultam a entrada de ar e de luz nas celas, contra o ilegal e brutal isolamento dos presos, contra a proibição da entrada na cadeia de jornais e revistas, como a «República», «Vértice», «Seara Nova», etc. e contra a redução do tempo de duração das visitas.

Também as famílias dos presos políticos que ilegalmente foram transferidos da cadeia de Caxias para a cadeia privativa da PIDE, no Porto, fizeram e entregaram uma exposição exigindo o seu reenvio para uma cadeia do Sul. O único objectivo da PIDE ao transferir aqueles presos, que são do sul, para o Porto, foi o de criar-lhes condições que praticamente os impossibilitam de ter visitas.

A situação de todos os presos políticos continua a agravar-se. Ainda recentemente o camarada Sena Lopes, sem que nada o justificasse, esteve 7 dias e 7 noites de estátua, sendo agredido a pontapé durante uma hora.

Porhamos um prelo às barbaridades da PIDE. Ajudemos as famílias dos presos na sua nobre e abnegada luta. Aproveitemos o próximo período eleitoral para lançar uma forte campanha nacional contra a repressão e pela amnistia para todos os presos políticos.

Rectificação — Por deficiente informação noticiam os no n.º 304 do «Avante» que 50 advogados do Porto fizeram uma exposição de protesto contra a inadmissível situação no forte de Caxias, quando a verdade é que tal acção não está ainda realizada, mas apenas em curso.

Rectificação — Por deficiente informação noticiam os no n.º 304 do «Avante» que 50 advogados do Porto fizeram uma exposição de protesto contra a inadmissível situação no forte de Caxias, quando a verdade é que tal acção não está ainda realizada, mas apenas em curso.

Rectificação — Por deficiente informação noticiam os no n.º 304 do «Avante» que 50 advogados do Porto fizeram uma exposição de protesto contra a inadmissível situação no forte de Caxias, quando a verdade é que tal acção não está ainda realizada, mas apenas em curso.

Rectificação — Por deficiente informação noticiam os no n.º 304 do «Avante» que 50 advogados do Porto fizeram uma exposição de protesto contra a inadmissível situação no forte de Caxias, quando a verdade é que tal acção não está ainda realizada, mas apenas em curso.

placas metálicas nas janelas, que dificultam a entrada de ar e de luz nas celas, contra o ilegal e brutal isolamento dos presos, contra a proibição da entrada na cadeia de jornais e revistas, como a «República», «Vértice», «Seara Nova», etc. e contra a redução do tempo de duração das visitas.

Também as famílias dos presos políticos que ilegalmente foram transferidos da cadeia de Caxias para a cadeia privativa da PIDE, no Porto, fizeram e entregaram uma exposição exigindo o seu reenvio para uma cadeia do Sul. O único objectivo da PIDE ao transferir aqueles presos, que são do sul, para o Porto, foi o de criar-lhes condições que praticamente os impossibilitam de ter visitas.

A situação de todos os presos políticos continua a agravar-se. Ainda recentemente o camarada Sena Lopes, sem que nada o justificasse, esteve 7 dias e 7 noites de estátua, sendo agredido a pontapé durante uma hora.

Porhamos um prelo às barbaridades da PIDE. Ajudemos as famílias dos presos na sua nobre e abnegada luta. Aproveitemos o próximo período eleitoral para lançar uma forte campanha nacional contra a repressão e pela amnistia para todos os presos políticos.

Rectificação — Por deficiente informação noticiam os no n.º 304 do «Avante» que 50 advogados do Porto fizeram uma exposição de protesto contra a inadmissível situação no forte de Caxias, quando a verdade é que tal acção não está ainda realizada, mas apenas em curso.

Liberdade para LUISA PAULA

Luisa Paula é uma mulher de 63 anos que, quer como esclarecida operária, quer na clandestinidade em que viveu 18 anos, tem dedicado a sua vida à luta do povo português pela sua libertação.

Presa pela segunda vez juntamente com sua filha, Aida Paula, em 1958, terminou em Agosto último a pena a que foi condenada. Apesar de gravemente doente, o Governo de Salazar recusa-se a libertá-la.

A camarada Luisa Paula tem frequentes hemorragias pulmonares com crises de asfixia que põem em perigo a sua vida, sofre de artritis muito adiantado que chega a deixá-la entevada, e de «bicos de papagaio» com acentuada deformação das vértebras, bem como dum úlcera do estômago de que piorou muito ultimamente, pelo que é obrigada a passar quase todo o tempo na cama com dores.

Na cadeia de Caxias, Luisa Paula, apesar da sua avançada idade e do seu estado de saúde, é forçada a suportar as arbitrariedades e provocações dos carcereiros fascistas que ultimamente foram até ao corte do leite e outras dietas aos presos doentes.

Reclamemos a libertação imediata de Luisa Paula e um tratamento humano para todos os presos políticos!



TRIBUNA DO LEITOR

Meus amigos, vou-lhes contar o que vi e ouvi. Eu passo muitas vezes por Rio Frio e custa-me muito ver aqueles crianças a trabalhar nas propriedades do Samuel Santos Jorge. Crianças que não têm mais de 14-15 anos esfaforçadas, muito sujas, agarradas a enxadas, outros com cabozes à cabeça cheios de estrume.

Já há muito tempo que eu desejava falar com uma daquelas crianças para saber o fundo como viviam; mas era impossível porque anda sempre um homem com um pau na mão, parece que anda a guardar ovelhas. Mas tanto andei que consegui falar com um rapaz que tinha 14 anos e que estava sentado na borda duma vela, a pescar. Perguntei-lhe:

- «Então não trabalhas hoje?»
- «Não, porque é 3.º de Ascensão»
- «Mas ganhas, não? Quanto ganhas por dia?»
- «5300, 2 litros de azeite por mês, 4 kgs. de arroz e 2 kgs. de pão por semana.»
- «Quantas horas trabalhas por dia?»
- «De sol a sol»
- «E a cama que tal é?»
- «É um armazém grande com uma mocheia de palho no chão e ali se fica entolados como os animais.»

Meus amigos, isto só quem vê aquela miséria!

Alguns aspectos da exploração na Abel Pereira da Fonseca

O senhor Correia Gonçalves tomou conta da gerência dos armazéns do Póço do Bispo e foi o chefe... Mandou chamar os encarregados de todas as secções para lhes dizer que havia pessoal a mais e que era necessário fazer despedimentos começando pelos mais velhos alguns dos quais têm mais de 30 anos de casa. Assim, foi despedida uma mulher com 15 anos de casa e outra, com 20 de serviço e com o marido tuberculoso, foi igualmente despedida.

O senhor Correia obriga os homens a transportar mais caixas de garrafas nas vagonetas e reduz o número de homens por vagonetas de 3 para 2.

Aos serventes da lançaria o senhor Correia põe-os também a carregar caixas e os tanceiros tem de fazer também o trabalho que compeli aos serventes.

Penso que isto só acabará quando todos nos unirmos a reclamar contra as arbitrariedades deste local do patronato.

— Ilha operária —

OUÇA A RÁDIO!

MOSCOVO: Diariamente, em português, das 20.30 às 21 e das 22 às 23.30 horas, pelas ondas de 19, 25, 31 e 41 metros.

PRAGA: Diariamente, em português, das 20 às 20.30 h. e das 24.30 h. a 1 h. em 16, 18 e 25 metros; e em ondas médias, em 233 metros.

LUTEMOS CONTRA A GUERRA COLONIAL

REFORCEMOS O MOVIMENTO POPULAR contra a guerra

Os mil operários da Fundação de Oeiras que, como já noticiámos, têm vindo a resistir corajosamente por meio do trabalho lento, das faltas e dos abaixo-assinados contra as horas extraordinárias para a guerra de Angola, alcançaram com a sua luta uma bela vitória: há dias foi afixado na fábrica um aviso anunciando que as horas de trabalho para Angola terminam a partir de 15 de Setembro. Assim, os operários da Fundação de Oeiras tiveram a prova de que, na luta entre eles e o tubarão fascista António Cardoso, a força maior está do lado dos operários.

A vitória dos operários da Fundação de Oeiras, tal como o boicote popular ao 10 de Junho e outras acções, apontam o caminho à classe operária e a todo o povo na luta contra a guerra colonial: é preciso enfrentar com energia, com unidade e com a maior combatividade a campanha fascista que procura obrigar o povo a pagar a guerra. É preciso dizer abertamente «Não» a todas as iniciativas fascistas a favor da guerra.

Foi isto que aconteceu também com o dia do desporto a favor da guerra, que podemos afirmar sem receio ter sido um novo fracasso semelhante ao do 10 de Junho. Além do boicote do público ao Estádio Nacional que já noticiámos no nosso último número, outro tanto sucedeu no Estádio das Antas

no Porto, que esteve quase completamente vazio. O povo do Porto correspondeu assim unanimemente ao apelo dos milhares de tarjetas e cartazes distribuídos pela organização do nosso Partido por toda a cidade. Notícias semelhantes vêm de outras localidades onde também se organizaram festivais a favor da guerra.

Entretanto, continua sem afrouxamento a resistência popular ao imposto de consumo. O monopólio da cerveja (Soc. Central de Cervejas) acusa já uma queda de 60% no consumo e está a despedir grande número de operários e de pessoal da distribuição, enquanto todos os comerciantes afirmam estar a sofrer uma baixa de cerca de 50% nas suas vendas de refrigerantes, tabaco e outros artigos atingidos pelo imposto de guerra. O objectivo do movimento popular deve ser: obrigar o Governo a acabar com os impostos de guerra. Esse objectivo será alcançado se redobrarmos de energia, popularizando nos bairros, nas empresas, nas escolas, a palavra de ordem: «*Nem um tostão para a guerra*». Esta será também a forma de preparar a resistência do povo aos novos e pesados impostos que a ditadura fascista se prepara para lançar em breve sobre as massas trabalhadoras, agravando ainda mais a miséria em que se debatem.

Reforcemos o movimento popular contra a guerra de Angola!

OS SOLDADOS LUTAM contra os comandos fascistas

Na noite de 31 de Agosto, 70 homens dum esquadrão de Cavalaria 7 que estavam em exercícios de tiro nos arredores de Lisboa receberam com risos e apupos o capitão Barreto quando passava uma ronda. Este oficial, que é um fascista notório, comandante da Legião e ojiado por todos os soldados, resolveu deter o esquadrão inteiro durante dois dias como represália.

No dia seguinte, em protesto contra o castigo, os soldados fizeram um levantamento de rancho ao pequeno almoço e, apesar de obrigados a aceitar o café, despejaram-no fora, mesmo na frente do capitão, recusando-se todos a comer. Foram interrogados vários soldados e um foi castigado com 15 dias de detenção. Mas os soldados não se atemorizaram e ao almoço fizeram de novo um levantamento de rancho protestando aos gritos contra o injusto castigo. Existe no quartel grande indignação contra o fascista capitão Barreto e também contra o capitão Fontoura, que consta estar ligado à PIDE.

No Regimento de Artilharia Anti-Aérea Fixa (Queluz), depois de aparecerem a circular dentro do quartel pequenos manifestos chamando os soldados a lutar contra a ditadura, deu-se um levantamento de rancho e consta ter sido agredido o oficial de dia que tentou obrigar os soldados a comer.

No Regimento de Infantaria 1

(Amadora), os soldados dum companhia que partiu para as colónias manifestaram grande descontentamento na véspera do embarque, sujando as camas e resistindo às ordens. Como um capitão tentasse agredir um soldado em plena formatura, este ameaçou-o de morte, obrigando o capitão a recuar. Ao embarque faltavam 80 soldados, ou seja, quase metade da companhia.

Também no Aeroporto, ao fazer-se o embarque dum contingente enviado com urgência para a Guiné, registou-se a deserção de 26 soldados.

Soldados! Os comandos fascistas estão a usar a tática de vos arrastar para a guerra usando «bons modos» e desculpando-se com as ordens superiores. Deste modo, têm conseguido desorientar ainda muitos soldados que não sabem contra quem voltar a sua luta.

Não vos deixeis iludir! São os comandos que realizam a política de guerra fascista do Governo conduzindo-vos para as colónias: é contra eles, pois, que deveis voltar a vossa acção. Esclarecei e organizai todos os soldados para resistir aos exercícios e formaturas, para se recusarem a partir para as colónias.

Os soldados que se encontram em Angola e nas outras colónias têm um único dever a cumprir: recusar-se a partir para o mal, recusar-se a entrar em combate, exigir todos juntos o regresso imediato a Portugal, exigir o fim imediato da guerra.

SOLDADOS! DESOBEDECEI EM MASSA AOS VOSSOS COMANDOS QUE VOS ARRASTAM PARA A GUERRA!

Crónica internacional

Um período agitado da vida internacional

No curto espaço de tempo de 25 de Agosto a 1 de Setembro, três acontecimentos importantes assinalaram a vida internacional. — O golpe da reacção no Brasil, o recomeço das experiências nucleares e a Conferência dos países neutralistas, em Belgrado.

AS EXPERIÊNCIAS NUCLEARES

Faca à agressividade da política das potências imperialistas e aos seus preparativos bélicos, a União Soviética foi obrigada a iniciar uma série de experiências para o aperfeiçoamento das mais modernas e excepcionalmente potentes armas nucleares.

A União Soviética foi levada a estas medidas depois de pacientemente ter participado em mais de 300 reuniões da Comissão de Genebra para a proibição das experiências atómicas, cujo trabalho os ocidentais sabotaram sistematicamente, ao mesmo tempo que a NATO por intermédio da França, que não participava nas negociações, ia procedendo ao aperfeiçoamento das suas armas atómicas com as explosões no Norte de África e que os Estados Unidos se preparavam afanosamente para recomeçar as suas próprias experiências com bombas nucleares.

Muito justamente, a U.R.S.S. considera hoje que só um acordo sobre o desarmamento total e universal poderá pôr termo a todas as experiências atómicas e a todos os perigos de guerra e garantir para sempre a Paz e a segurança universais. A proposta dos imperialistas para limitar neste momento a proibição das experiências atómicas às explosões na atmosfera (continuariam as explosões subterrâneas), feitas precisamente quando eles agravam a tensão internacional com novas provocações em Berlim e contra a República Democrática Alemã, quando intensificam o rearmamento das forças revanchistas da Alemanha Ocidental, quando chamam às fileiras centenas de milhares de soldados americanos e ingleses, quando prosseguem com as experiências atómicas francesas e com a guerra da Argélia, quando às ocultas criam novas bases nucleares, como é o exemplo dos Açores, quando, enfim, se recusam a entabular conversações sobre a questão de Berlim, a assinar um tratado de Paz com a Alemanha e rejeitam as propostas para um desarmamento geral e completo, é um embuste para tentar enganar os povos.

O recrudescimento da actividade belicista das potências imperialistas agilizou seriamente a tensão internacional e avolumou os perigos de guerra. Por essa razão, a União Soviética foi forçada a reiniciar também as experiências nucleares e as potências aderentes ao Pacto de Varsóvia redobram de vigilância. Não o fazer seria animar as forças da guerra a lançarem-se em aventuras que poderão mergulhar a humanidade numa carnificina sem precedentes. O reforço do poderio dos países do campo do Socialismo e a consequente política de Paz da União Soviética são a melhor garantia de Paz para os povos do mundo inteiro.

OS ACONTECIMENTOS NO BRASIL

A demissão de Jânio Quadros, de Presidente da República do

Brasil deve-se, mais uma vez, à descordada intervenção do gendarme internacional, o imperialismo americano, na vida dos povos da América Latina.

Logo no início do seu mandato, Quadros tomou uma posição de simpatia para com o povo português, concedendo asilo político aos insurretos do Santa Maria, alirando sobre si com esse gesto o ódio dos salazaristas. Posteriormente, condenou a agressão do imperialismo americano ao povo cubano, pronunciou-se abertamente pela auto-determinação dos povos coloniais, incluindo as colónias portuguesas (o que desatou de novo o furor dos salazaristas) e deu passos importantes no caminho da completa normalização das relações económicas e diplomáticas com os países do campo socialista.

Esta política externa progressiva e independente não agradou ao imperialismo americano e aos seus agentes no Brasil, a reacção clerical e feudal, à frente da qual se destacaram o governador fascista Carlos de Lacerda e os generais golpistas, os quais impuseram a renúncia ao presidente eleito e tudo fizeram para tentar impedir a posse do seu substituto legal, o vice-presidente João Goulart.

Os acontecimentos posteriores demonstraram que as forças populares, apoiadas pela parte sã das forças armadas, fizeram fracassar em grande parte os intentos dos golpistas ao serviço da reacção e do imperialismo.

A CONFERÊNCIA DE BELGRADO

A Conferência dos chefes de Estado e de Governo dos países neutralistas em Belgrado, foi um importante acontecimento internacional e uma grande contribuição para a defesa da Paz e da coexistência pacífica entre os Estados. Ela é ao mesmo tempo uma grande contribuição à luta dos povos coloniais pela conquista da sua independência.

Na Conferência de Belgrado, com a participação de 13 países da África, 10 da Ásia, 1 da América Latina e 1 da Europa, foram defendidos os princípios do neutralismo activo que se traduz no não-alinhamento em blocos militares, na luta contra o colonialismo e o imperialismo e no apoio activo a todas as iniciativas tendentes à defesa da Paz e da coexistência pacífica entre os Estados.

Com a participação, como convidados, de dirigentes dos movimentos de libertação das colónias portuguesas, foi aprovada pela Conferência uma moção na qual se diz que «os Estados participantes chamam a atenção para os acontecimentos de Angola e para as intoleráveis medidas de repressão tomadas pelas autoridades portuguesas contra o povo de Angola e pedem que seja posto um fim imediato a qualquer derramamento de sangue dos povos angolanos e que sejam auxiliados por todos os países amantes da Paz para que se estabeleça sem demora a sua independência e liberdade».

NOTAS E COMENTÁRIOS

Salazar e o seu governo anunciaram «*profundas reformas*» nas colónias (eles dizem no Ultramar) e a «*abolição*» do Estatuto do Indígena. Poderá medir-se a «*profundidade*» de tais reformas pelo facto de que (dizem os fascistas...) todos os negros terão direitos iguais aos de qualquer cidadão português, incluindo o direito de voto.

Até parece uma anedota... pois como se sabe quase 100% dos negros das colónias portuguesas são analfabetos e como estes não podem votar, tudo fica na mesma. Ontem, os negros não podiam votar porque eram negros. Hoje, também não o podem fazer porque são analfabetos.

Uma pergunta: se as estatísticas oficiais acusavam mais de 40% de analfabetos em PORTUGAL CONTINENTAL e se os milhões de indígenas analfabetos passam a ser considerados «*cidadãos portugueses*», qual é a percentagem actual de analfabetos?

Nas crónicas radiofónicas de Angola, um tal Ferreira da Costa dá notícias de soldados em Angola para as famílias que as solicitam. A resposta, quase invariável, é que estão bem de saúde...

Dois pessoas escreveram ao tal F. da Costa para saberem notícias dos filhos. Sucede porém que nenhum deles tinha qualquer filho em Angola. Mas o tal F. da Costa não se atrapalhou e a Emissora Nacional transmitiu que eles, os tais soldados inexistentes, estavam bem de saúde!!!

Que as mães e os pais ansiosos pelas vidas e a saúde de seus filhos reparem neste exemplo e na falsidade das notícias do Costa colonialista,